

O que é que acontece quando se junta a força da enxada a uma mesa de misturas? Agricultura biológica? Não. Algo muito próximo de Megafone 3, o terceiro volume do projecto de fusão de um Sítiado chamado João Aguardela. TIAGO LUZ PEDRO

Quem nunca imaginou dançar ao som das recolhas de música tradicional portuguesa feitas por Michel Giacometti e José Alberto Sarcinina, o melhor é mesmo começar a habituar-se à ideia. Já no terceiro volume, o projecto Megafone do líder e mentor dos Sítidos João Aguardela continua a dar cartas na sua ambição de fundir a tradição popular portuguesa com as modernas linguagens arrancadas às muitas correntes da música electrónica.

"Nunca tive muito a perspectiva da continuidade ou aperfeiçoamento nos trabalhos. A ideia base deste projecto é trabalhar a música tradicional de acordo com experiências diferentes de disco para disco. No caso do 'Megafone 3' quis ser mais atrevido, mais músico, ou seja, que este disco chegasse mais facilmente às pessoas e que as pudesse divertir".

"Megafone 3" não é propriamente um disco em regime de desbunca geral, mas há sem dúvida alguma um misto de ironia, pedagogia e descomprometimento nos lamentos dos pastores ou nas zangas de comadres que se ouvem ao longo do álbum. O próprio suporte instrumental que os ilumina — do jungle ao hip hop — tem um tom de alegria foliada que era apenas sugerido nos volumes anteriores, e foi dela que Aguardela fez depender o vasto conjunto de recolhas que usou no disco.

"Tentei sempre ir buscar coisas que sabia, à partida, que as pessoas poderiam achar alguma piada. A ideia era criar uma empatia imediata com o ouvinte, em vez de lhe estar a dificultar o acesso a um território que lhe é, em parte, estranho, que foi o que aconteceu nos dois discos anteriores. Reconheço que aí era necessário estarmos mesmo muito vocacionados para as recolhas e para aquele tipo de linguagem usada para podermos lá chegar. Mas aqui a direcção foi contrária: o disco continua a seguir a mesma filosofia, mas é mais imediato na forma como traduz a mensagem".

Tradicional e pop. Ao traçar um caminho próprio por entre o caos aparente que enforma cada um dos discos do projecto Megafone — porque a ideia é mesmo essa, uma tentativa de conciliar aquilo que à partida é inconciliável, a tradição e a modernidade, sem que nem uma nem a outra se percam na viagem —, o também vocalista dos Sítidos consegue ainda assim identificar um conjunto de métodos e processos que os diferenciam uns dos outros.

Para Aguardela, o primeiro Megafone foi pensado como um projecto unitário, enraizado numa experiência muito individual, e o segundo como um todo bem mais fragmentado, como se de uma partilha

se tratasse. E em que quadro se situa, então, este terceiro volume da série?

"No do primeiro, completamente. Voltei a sentir uma enorme necessidade de eu próprio voltar a respirar as fontes. De voltar às origens de todo este jogo e de poder partilhá-lo com os outros".

Aguardela não esconde um certo desconforto por ser, provavelmente, o único português a entregar-se de corpo e alma a um projecto fusionista que vê como uma missão, até porque a ideia de reunir em "Megafone 2" um conjunto de gentes com interesses nesta área — a experiência fragmentária de que fala — saiu "completamente gorada". Mas percebe-se porquê: a juntar à quase inacessibilidade dos materiais de recolha nas lojas e à ausência de divulgação dos mesmos nos tradicionais meios de difusão, tradição e modernidade continuam a viver de costas voltadas, como se o diferendo de origem fosse um fardo demasiado pesado para poder ser carregado: "Às vezes sinto que sou tradicional demais para o meio pop e que sou pop demais para o meio tradicional. Nos espectáculos ao vivo nota-se bem isso, na estranheza que as pessoas sentem quando ouvem os dois mundos em confronto".

Uma coisa é certa: quando partiu para esta aventura, conhecia as regras do jogo e o chão escorregadio que pisava, e por isso nunca foi sua intenção criar

escola ou sequer trazer novos mundos a um mundo que por agora é seu e apenas seu. O projecto Megafone é, no essencial, um acto isolado que nunca ambicionou ser outra coisa. É um modo de ser e de estar onde alguns até podem ver de irio, mas onde Aguardela só vê egoísmo. "Aquilo que me conduziu a um projecto com estas características foi, apenas e só, uma motivação profundamente individualista. Foi esta a opção que tomei", refere.

E a prova de que o egoísmo também pode ser produtivo é o repertório imenso de música tradicional portuguesa que o músico congregou ao longo da última década. Já nos Sítidos era assim — embora nesse caso tivesse de respeitar os interesses e as expectativas dos colegas. Mas agora que está a solo, nunca lhe interessou a ideia de fazer um projecto de musicologia, uma súmula definitiva da arqueologia da tradição popular portuguesa, em disco ou em livro?

"Nem pensar nisso. Essa não é definitivamente a minha vocação", sorri, sem esconder que há outras coisas provavelmente tão ou mais importantes que ainda podem ser feitas. Por exemplo: desenterrar de uma vez por todas o país extinto que é o Portugal dos Megafones, o país das pequenas aldeias e das gentes simples que já naufragou, como as caravelas. Para Aguardela, o tempo agora é de voltar à enxada.

